

Situando Berta Gleizer Ribeiro (1924-1997): a construção de um perfil intelectual

Situating Berta Gleizer Ribeiro (1924-1997): the construction of an intellectual profile

RACHEL DE A. VIANA

RESUMO

O artigo traz a construção do perfil intelectual de Berta Gleizer Ribeiro e as conexões estabelecidas com redes de cientistas sociais e antropólogos sob uma perspectiva histórica. O artigo se divide em três seções. A primeira abrange o contexto histórico de sua chegada ao Brasil e as coletividades nas quais a cientista se inseria. A segunda trata de sua formação, sua inserção profissional e a conformação de sua agenda de pesquisa, à luz da história das ciências sociais no país. Na terceira seção, sob a ideia de *intelligentsia* de Mannheim (2008), da diferença entre perfil acadêmico e perfil intelectual — proposta por bell hooks (1995) — e de redes científicas de Latour (2000), são mapeados os intelectuais, os campos do saber científico e as redes científicas com os quais Berta dialogava. A análise desta seção se baseia em duas obras de Berta Gleizer Ribeiro — *O Índio na cultura brasileira* (2000 [1987]) e *Amazônia urgente* (2013 [1989]) —, além da literatura disponível sobre sua trajetória. Ao situá-la nesses contextos históricos, busca-se entender a construção do perfil intelectual da personagem à luz da história das ciências sociais no Brasil.

Palavras-chave: Berta Gleizer Ribeiro; Ciências sociais; Desenvolvimento; Meio ambiente; Povos originários.

ABSTRACT

This article presents the construction of Berta Gleizer Ribeiro's intellectual profile and the connections established with networks of social scientists and anthropologists from a historical perspective. The article is divided into three sections. The first covers the historical context of her arrival in Brazil and the communities in which the scientist was involved. The second deals with her education, her professional insertion and the formation of her research agenda, in light of the history of social sciences in the country. The third section, based on Mannheim's (2008) idea of *intelligentsia*, the difference between academic profile and intellectual profile — proposed by bell hooks (1995) — and Latour's (2000) scientific networks, maps the intellectuals, the fields of scientific knowledge and the scientific networks with which Berta engaged in dialogue. The analysis in this section is based on two works by Berta Gleizer Ribeiro — *O Índio na cultura brasileira* (2000 [1987]) and *Amazônia urgente* (2013 [1989]) — in addition to the available literature on her career. By placing her in these historical contexts, we seek to understand the construction of the character's intellectual profile in light of the history of social sciences in Brazil.

Key words: Berta Gleizer Ribeiro; Social sciences; Development; Environment; Indigenous peoples.

APRESENTAÇÃO

Sendo uma referência incontornável nos estudos de museologia, arte e cultura material indígenas, Berta Gleizer Ribeiro traz em sua trajetória um entrelaçamento de identidades, pautas e compromissos assumidos dentro das ciências sociais e da causa indígena (Van Velthem *et al.*, 2023). Como já dito em outros estudos, Berta nasceu em 1924 na cidade de Beltz, na região da Bessarábia, que, na época, pertencia à Romênia. De origem judaica, também herdou de seu pai, Motel Gleizer, professor de literatura ídiche, e de sua irmã Genny Gleizer a militância comunista e o compromisso político-partidário (Antão, 2017; Viana, 2009; Botelho, 2005).

Durante muito tempo, era lembrada como esposa do antropólogo Darcy Ribeiro. No entanto, a sua obra científica e pensamento vêm sendo reconhecidos. Em 2009, a Fundação Darcy Ribeiro (Fundar), entidade custodiadora de seu acervo, organizou uma publicação em homenagem à antropóloga. O *Caderno Fazimentos* número 7 apresenta uma compilação de textos escritos por seus pares, amigos e familiares, além do institucional, embasado na documentação da titular que, na época, ainda não estava organizada (Viana, 2009). Na publicação, destacam-se os grandes temas aos quais Berta se dedicou e encontram-se aspectos de sua personalidade, de sua vida familiar e cotidiana evocados por amigos, colegas de trabalho e familiares.

Dentro da academia, Berta teve seu reconhecimento em estudos recentes de historiadores e cientistas sociais. Botelho (2005) aborda a trajetória e a produção intelectual da antropóloga, enfatizando a cultura material e a arte indígenas. Vogas (2014) trata da organização de seu acervo, abrangendo o tratamento técnico e metodológico adotado pela Fundar no arranjo final. Demonstrando sensibilidade e envolvimento com a documentação, a autora alerta para os equívocos comumente atribuídos aos arquivos de cientistas sociais, tais como o espelhamento da organização e da trajetória do titular. Antão (2017), em uma pesquisa histórica sobre Genny Gleizer, menciona Berta pontualmente, em uma notícia de jornal, não direcionando a ela uma análise. Porém, elucida a comunidade judaica dos anos 1930 no Brasil, o contexto histórico e político da região da Bessarábia nos anos 1920 e 1930, e traz observações importantes sobre a vida de Motel Gleizer antes e depois de chegar no Brasil. Van Velthem, Freire e França (2023) destacam a atualidade da agenda de pesquisa e de militância que Berta traçou ao longo de sua trajetória, destacando-se a

questão ambiental e a preservação dos povos indígenas, aspectos somente pontuados por Viana (2009).

Brito (2017; 2021), em pesquisa histórica sobre a atuação de Darcy Ribeiro no Serviço de Proteção aos Índios, enfatiza a colaboração intelectual de Berta com o antropólogo não somente durante o período abordado, mas ao longo da vida. Mattos (2007), na tese dedicada ao antropólogo Darcy Ribeiro, analisa sua trajetória de 1944 a 1982, destacando as razões pelas quais foi esquecido pela academia após o retorno do exílio, enquanto a sua atuação no cenário político do país se intensificava. Na obra, Berta Ribeiro aparece como principal colaboradora, recebendo várias menções ao longo do trabalho, sobretudo como responsável pelas missivas de Ribeiro, mas sem um capítulo a ela dedicado. Apesar disso, o autor ultrapassa a identificação dela como “esposa de antropólogo”, nos termos de Mariza Correa (2003), e menciona a sua produção intelectual, sobretudo após a separação.

Almeida (2022), por sua vez, aborda as correlações entre a ideia de transfiguração étnica, presente na obra de Darcy Ribeiro, e a ideia de transfiguração narrativa em Angel Rama. No estudo, indica que o pensador latino-americano considerava a obra *Antes o mundo não existia*, de Umusi Pārōkumu (Firmiano Arantes Lana) e Toramu Kēhīri (Luiz Gomes Lana) — cuja edição foi encaminhada por Berta Ribeiro —, um exemplo dessa categoria analítica da literatura. Não trata exatamente da obra de Berta, mas permite situá-la entre os intelectuais latino-americanos do período.

Nos estudos em que a vida e a produção de Berta são abordadas, mesmo através de outras trajetórias (Brito, 2017; Mattos, 2007; Antão 2017), destaca-se seu ímpeto produtivo e a dedicação ao trabalho científico e colaborativo. No entanto, seu perfil intelectual e as redes científicas nas quais se inseria ou dialogava não são aprofundadas. À luz da história das ciências, o presente artigo se propõe a evidenciar as redes científicas de antropólogos e cientistas sociais com as quais Berta se identificava, visando compreender a conformação de seu perfil intelectual.

O artigo se divide em três seções. Na primeira, será traçada a primeira parte de sua história de vida, quando chegou no Brasil. Ao situar Berta nesse contexto histórico, busca-se entender parte da construção do perfil intelectual da personagem. Na segunda seção, Berta será situada dentro da história das ciências sociais no Brasil, enfatizando a sua formação, sua inserção profissional e a conformação de sua agenda de pesquisa. Na terceira seção, à luz da ideia de *intelligentsia* de Mannheim (2008), da diferença entre perfil acadêmico e perfil intelectual proposta por bell hooks (1995) e de redes científicas de Latour (2000),

serão mapeados os intelectuais, os campos do saber científico e as redes científicas com os quais Berta dialogava.

Esta seção se embasa em duas obras de Berta Gleizer — *O Índio na cultura brasileira* (2000 [1987]) e *Amazônia urgente* (2013 [1989]) —, além da literatura disponível sobre sua trajetória, visando elucidar as conexões estabelecidas com redes de cientistas sociais e antropólogos. Cabe explicar que a obra *Amazônia urgente* é a publicação do catálogo da exposição realizada em 1989, na estação de metrô do Largo da Carioca, no Rio de Janeiro. A concepção, pesquisa, curadoria e produção da exposição e de seu catálogo foram feitas por Berta Gleizer. Em acordo com Demarchi (2020), que afirma ser Berta uma “antropóloga do futuro”, e com Van Velthem *et al.* (2023), argumenta-se que Berta antecipava um perfil intelectual que extrapolava as demandas acadêmicas, pois trazia para si as pautas de seus interlocutores e estabelecia com eles uma relação dialógica na produção do conhecimento científico.

Esse artigo ilumina as pautas nas quais Berta se empenhou de maneira peculiar e inovadora para a época. Destaca a interconexão entre ciência e compromisso político com os interlocutores e povos para os quais a cientista se dedicou. Diante dos debates sobre decolonialidade, somada à continuidade das propostas de antropologias libertadoras, insurgentes e autonomistas de cientistas sociais de sua geração, tais como Sol Tax, Mitchel, André Gunder Frank e Darcy Ribeiro (Viana, 2023), temos como principal legado de Berta e seus pares o comprometimento político, além de colocar a ciência a serviço do planeta, da humanidade e dos povos que prezam pelo bem viver.

O INÍCIO ANTES DO INÍCIO

Uma pesquisa rápida sobre a região da Bessarábia, onde se encontra a cidade de Beltz¹, indica um histórico de disputas. Atualmente, a região pertence à Moldávia e vive um impasse envolvendo a sua unificação com a Romênia. Ainda como rescaldo do período da Segunda Guerra Mundial, vemos a oposição entre os adeptos de uma unificação — a favor do convívio multiétnico de ciganos, judeus, gagauzes, entre outros² — e os adeptos da

¹ A cidade de Beltz localiza-se na margem direita do Rio Pruth, que, por sua vez, desemboca no Rio Danúbio, referências importantes para a região. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Belz_\(Ucr%C3%A2nia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Belz_(Ucr%C3%A2nia)). Acesso em 12 de agosto de 2024.

² Fontes: <https://www.gbnnews.com.br/2024/04/tensoes-entre-russia-e-romenia-escalam.html> <https://passapalavra.info/2009/04/2838/>. Acesso em 12 de agosto de 2024.

separação, que pregam a homogeneidade cultural de uma Romênia “original”³ (Moura 2015). Além dos debates sobre nacionalismos, esquerda, direita e extrema direita, entrelaçam-se na trama atual os interesses componentes da recente guerra entre Rússia e Ucrânia⁴.

Conforme relato dos Fux (2023), a Bessarábia era um território habitado por muitos judeus e a onda antissemita que os varreu de lá deixou seus rastros nas memórias dos poucos sobreviventes. A julgar pela produção literária dos descendentes dessa região, houve uma imigração maciça para o Brasil no ano de 1926 (Fux e Fux, 2023; Cocicov, 2023). Segundo a historiadora Antão (2017), houve um intenso fluxo migratório de judeus dessa região para o Brasil na década de 1930, a exemplo de Motel Gleizer e suas filhas, amparados por organizações de socorro mútuo.

Apesar dos atuais impasses envolvendo Rússia, Ucrânia, Romênia e Moldávia datarem dos últimos 15 anos (Ferreira, 2012; Moura 2015; Antão, 2017), a tensão na região pode ser vista desde a primeira metade do século XX. No ano de 1924, quando Berta nasceu, a Bessarábia pertencia à chamada Grande Romênia, instituída no Congresso de Berlim em 1919, após a Primeira Guerra (Moura, 2015), sendo a sua população constituída por minorias étnicas⁵ (Moura, 2015; Antão, 2017).

Oriunda de família judaica e cujo pai era filiado ao Partido Comunista (Antão, 2017; Mattos, 2007; Brito, 2017), Berta Gleizer⁶ chegou ao Brasil em meio às tensões do período Entreguerras, envolvendo forte antissemitismo no seu país natal e o crescimento de movimentos fascistas, como a Legião de São Miguel Arcanjo, composto por camponeses e que posteriormente viria a se tornar a Guarda de Ferro (Viana, 2009; Antão, 2017). A pesquisa de Antão (2017) mostra que um número considerável de judeus dessa região se instalou na Praça Onze de Julho, na cidade do Rio de Janeiro, onde contavam com organizações como a Brazcor, cozinha comunitária e associação de ajuda mútua.

³ Fonte: <https://passapalavra.info/2009/04/2838/> . Acesso em 12 de agosto de 2024.

⁴ Fontes: https://www.rtp.pt/noticias/rtpeuropa-entrevistas/maia-sandu-presidente-da-moldova-decidi-tornar-me-uma-figura-politica-quando-vi-tanta-corrupcao-na-politica-da-moldova_v1521870#google_vignette
<https://www.dw.com/pt-br/o-que-a-r%C3%BAssia-quer-com-a-mold%C3%A1via/a-64822663>
<https://observador.pt/especiais/a-russia-vai-levar-a-guerra-ate-a-moldavia-militarmente-e-dificil-mas-nos-bastidores-vale-tudo/> . Acessos em 12 de agosto de 2024.

⁵ Até hoje, a região permanece em disputa, tendo sido pertencente à Moldávia, ao império russo e à URSS.

⁶ Na época em que chegou ao Brasil, seu nome se escrevia com o H – Bertha. Posteriormente, em data que não foi possível recuperar, decidiu suprimir a letra de seu prenome (Viana, 2009; Antão, 2017).

Sobrevivente da perseguição antissemita e fascista, Berta também vivenciou, no Brasil, duas ditaduras. A primeira, compreendendo a Era Vargas, resultou na expulsão de sua irmã Genny Gleizer e de seu pai, Motel Gleizer, cujo falecimento decorreu da busca pela filha mais velha (Antão, 2017; Viana, 2009; Botelho, 2005; Mattos, 2007; Brito, 2017; Demarchi, 2020). O episódio foi motivado pela militância política da irmã e do pai, membros do Partido Comunista (Mattos, 2007; Antão, 2017), que, na época, tinha pouco mais de uma década de criação⁷. Segundo Antão (2017), judeus aderiam em bom número ao partido, bem como mantinham uma vida comunitária ativa, contando com bibliotecas, publicações de jornais e revistas, além da cozinha comunitária.

Alguns estudos sobre Berta não afirmam com precisão a data de chegada de Motel Gleizer ao Brasil (Van Velthem *et al.*, 2023; Botelho, 2005; Demarchi, 2020). Outros indicam o ano de 1929 como data do retorno dele ao país natal para buscar suas filhas após saber do suicídio de sua esposa, Rosa Sadonovic Gleizer (Antão, 2017, Viana, 2009). Sua segunda entrada, já com as filhas, com idades de 15 e 7 anos, ter-se-ia dado em 1932 (Antão, 2017).

Motel Gleizer, professor de literatura ídiche, tinha intensa participação na comunidade judaica do Rio de Janeiro, incluindo a redação de jornais. Genny Gleizer, por sua vez, participava da recém-criada Federação da Juventude do PC. Em pleno governo Vargas, filha e pai foram presos e deportados nos anos de 1935 e 1936, respectivamente (Antão, 2017; Viana, 2009; Van Velthem, *et al.* 2023; Mattos, 2007; Vogas, 2014). Sem a família, Berta passou a viver sob a tutela do Partido, nas casas de famílias judaicas e militantes no Rio de Janeiro e posteriormente em São Paulo (Viana, 2009; Antão, 2017).

Já nos últimos anos da ditadura militar, Berta, em carta a Eduardo Maffei, manifesta sua interpretação sobre esse período da história de sua vida e do Brasil:

Não só tirei o “h” do meu nome. Genny virou Jenny. Vive há mais de 30 anos nos Estados Unidos. Os acontecimentos de 35 nos marcaram muito, a ela mais do que a mim, que até hoje sofre suas consequências (...). Achávamos que esses episódios estavam enterrados para sempre,

⁷ Originalmente nomeado Partido Comunista Brasileiro, foi fundado em março de 1922 e passou por diversos períodos na ilegalidade. Segundo o TSE, o partido atuou ilegalmente entre julho de 1922 e 1 de janeiro de 1927, ano em que se instala oficialmente a Federação da Juventude; e depois entre 1934 e 1945. Fonte: <https://www.tse.jus.br/jurisprudencia/julgados-historicos/cancelamento-de-registro-do-partido-comunista-brasileiro>. Acesso em 13 de agosto de 2024.

exceto em nossas memórias. E nas de “velhos companheiros de juventude” como você. Valerá a pena exumá-los? Só ela poderá responder.

Acho que você está fazendo um trabalho importante. No entanto, o que faz falta é interpretar aquele período da história do Brasil, o mito Getúlio e outros mitos, mais do que ater-se a fatos e personagens (...) (Viana, 2009, p. 13).

É com esta vivência que Berta, aos 16 anos, em 1940, consegue um emprego de datilógrafa e aluga um quarto. Como já dito, sua filiação ao partido se manteve durante toda a sua vida e, embora pudesse manter um espaço para si, continuou sob a tutela do partido de alguma forma (Antão, 2017; Viana, 2009). Afinal, desde o seu primeiro encontro com quem seria seu futuro marido, em 1946, até o ano em que se casam, 1948, há relatos de interferências do partido em sinal de desaprovação à união (Brito, 2017).

Até aqui se verificam, portanto, vivências que iluminam algumas características da produção e do perfil intelectual de Berta. O fato de ter pertencido a duas coletividades de peso — a judaica e a comunista, num período de forte antissemitismo e anticomunismo — e o de ter passado boa parte de sua vida tendo que esconder seu parentesco com o pai e a irmã, sob o risco de ser deportada, dão sentido ao comprometimento e posicionamento político diante das demandas de seus interlocutores diretos — os Desâna e outros povos do Alto Rio Negro — e à fidelidade partidária.

Ainda que não apareça nos estudos nenhum documento comprobatório de um envolvimento tão intenso quanto o de sua irmã na década de 1930, sabe-se pelos depoimentos de seus amigos e familiares que Berta permaneceu filiada ao partido até o final de sua vida (Viana, 2009). Não menos importante, a condição de órfã, estrangeira e familiar de dois quadros do partido a colocava sob os auspícios deste, que passou diversos momentos na ilegalidade ao longo de sua história e impunha uma disciplina entre seus filiados. Sobre ela, pesava forte carga de responsabilidade por si e por aqueles que a abrigavam em suas casas.

Em obra sobre a literatura de Graciliano Ramos, eminente escritor e militante do Partido Comunista Brasileiro, Paulo Mercadante (1994) afirma que quem não viveu na década de 1930 não sentiu o século XX. Em seu argumento, a década se iniciava ao sabor da crise de 1929, do acirramento ideológico entre fascistas e socialistas, e entre comunistas e socialistas, bem como se encerrava a chamada República Velha e se iniciava a Era Vargas no Brasil (Mercadante, 1994). Considerando que estes processos trouxeram desdobramentos no plano nacional e internacional para todo o século XX, uma vez que tais

disputas encaminharam duas ditaduras no Brasil e duas guerras em nível global — a Segunda e a Fria —, a vivência dessa geração de jovens do Entreguerras foi de fato marcada por essa conjuntura. Ao mirar o perfil intelectual forjado por Berta e o pertencimento às suas redes científicas ao longo dos anos, é nítida a influência dessa década na sua trajetória, formação e atuação profissional. Vale acrescentar que na referida década houve a institucionalização das ciências sociais no Brasil, horizonte pelo qual analisaremos a formação de Berta nas linhas seguintes.

BERTA NA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL

Enquanto o mundo se digladiava entre ideologias diametralmente opostas em plena crise econômica, temas como modernização, progresso, mudança social e formação do Brasil impregnavam a produção intelectual e os esforços para se consolidar uma elite política e dirigente para o país (Miceli, 2001; Segatto e Bariani, 2010; Lima, 2013). É sob esse pano de fundo que podemos situar a formação de Berta, entre os anos 1947 e 1953. Nesse período, realizou trabalhos de campo etnográficos com Darcy Ribeiro e sua equipe do Serviço de Proteção aos Índios – SPI; formou-se em História e Geografia na Universidade do Distrito Federal⁸; e iniciou sua vida profissional como professora de Geografia do Brasil na educação básica e como estagiária no Departamento de Antropologia do Museu Nacional (Viana, 2009).

Em geral, os estudiosos que se debruçaram sobre a conformação das ciências sociais no Brasil estabelecem alguns marcos, como a institucionalização, a produção intelectual e os temas discutidos (Miceli, 2001; Lima, 2013; Segatto e Bariani, 2010; Brito, 2017). Todos apontam a década de 1930 como o início das universidades e dos cursos de ciências sociais, bem como a atuação de professores estrangeiros para compor o quadro docente. No Rio de Janeiro, o curso era oferecido desde 1935 na Universidade do Distrito Federal⁹ e, em São Paulo, na Escola Livre de Sociologia e Política (Elsp).

No que tange à produção intelectual das ciências sociais, os autores periodizam três momentos. No primeiro, estariam situadas as obras dos chamados ensaístas, tais como

⁸ Esta Universidade do Distrito Federal (UDF) é a precursora da atual Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e não a instituição homônima criada por Anísio Teixeira em 1935 (Mendonça, 2000) e que durou apenas até 1939.

⁹ Esta outra Universidade do Distrito Federal mencionada pela autora é a que fora criada por Anísio Teixeira em e que teve breve existência.

Gilberto Freyre, Sérgio Buarque e Silvio Romero. Nestes autores, as reflexões giravam em torno da formação do Brasil, com viés racialista, centradas nas matrizes afro, europeia e indígena (Miceli, 2001; Lima, 2013; Segatto e Bariani, 2010; Brito, 2017). É por vezes considerado como um período pré-científico, na qual os métodos e técnicas do campo ainda não estavam consolidados (Miceli, 2001).

Os anos 1940 e 1950 são apontados como décadas marcadas por uma produção embasada no cabedal técnico e metodológico das ciências sociais nas pesquisas e o estabelecimento de padrões científicos (Segatto e Bariani, 2010; Miceli, 2001). Porém, dão centralidade à produção feita nas universidades, desconsiderando aquelas realizadas em outros espaços. Nesse sentido, é importante lembrar a atuação dos educadores sanitários do Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp) nas áreas rurais durante os anos 1940 (Maio e Lima, 2009) e os Estudos de Comunidade empreendidos pela Unesco no início dos anos 1950 (Maio, 1997; Brito e Lopes, 2020). Estes são exemplos de produção científica realizada por cientistas sociais fora das universidades, a exemplo de José Arthur Rios, Darcy Ribeiro, Guerreiro Ramos e Luis de Aguiar da Costa Pinto (Maio e Lima, 2009; Maio, 1997; Brito e Lopes, 2020; Lopes, 2018). Nesse contexto, destacam-se os Estudos de Comunidade, utilizando métodos e técnicas das ciências sociais de matriz estadunidense, dedicados às áreas de transição entre o rural e o urbano, então chamados de Comunidades de Folk (Lopes, 2018; Brito e Lopes 2020; Paul, 1955; Wagley, Azevedo e Pinto, 1950). Era essa, portanto, uma parte das opções teórico-metodológicas disponíveis nas ciências sociais quando Berta se formava. Darcy Ribeiro realizou Estudos de Comunidade para a Unesco, e seu trabalho de campo contou com a colaboração de Berta, como sugerem as imagens dela entre os Xokleng datadas de 1951, custodiadas na Fundar¹⁰.

No que tange à formação oferecida nas universidades, os autores consideraram relevante a vinda de professores estrangeiros das chamadas Missões Francesa e Norte-americana, destinados a lecionar na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) e na Elsp, em São Paulo. Também apontam a presença de professores que não eram cientistas sociais, mas que contribuíram para a formação daqueles que ingressaram nos primeiros cursos (Miceli, 2001; Brito, 2017; Lima, 2013). Nesse sentido, Miceli (2001) diferencia a formação oferecida em São Paulo, caracterizada por um direcionamento cientificista, filosófico e heurístico, rompendo com a mentalidade jurídica, enquanto no Rio de Janeiro as reflexões pendiam para a agenda político-partidária e a teoria

¹⁰ Acervo Fundação Darcy e Berta Ribeiro. Fundo Darcy Ribeiro, série foto. DR foto 026 ; DR foto 022.

desenvolvimentista. Segundo Miceli (2001), no Rio de Janeiro, a disputa entre correntes políticas como católicos, esquerdistas e integralistas que queriam espaços na máquina governamental impactou a organização universitária e a institucionalização das ciências sociais. Em seu argumento, essa contenda explicaria o fortalecimento das universidades confessionais, o paradigma jurisdicista e militante, bem como a identificação das interpretações desenvolvimentistas como critério de relevância intelectual (Miceli, 2001). Conforme o autor (2001), as teorias desenvolvimentistas características das ciências sociais do Rio de Janeiro seriam a expressão da concepção intervencionista, militante e aplicada.

Em que pese o mérito historiográfico de Miceli (2001), essa dicotomia foi posteriormente problematizada nos estudos de Lima (2013) e Bariani e Segatto (2010). Além de avaliar como problemática a desqualificação da produção do pensamento social anterior à institucionalização das ciências sociais, Lima (2013) aponta uma estereotipia na argumentação que dicotomiza as ciências sociais produzidas no Rio e em São Paulo. No argumento da autora, a oposição entre ciência e política não contempla um aprofundamento na análise das ciências sociais praticadas nas duas cidades (Lima, 2013). Uma vez que Florestan Fernandes, eminente sociólogo paulista, não contrapôs ciência e política, amparado pelo conceito mannheimiano de *intelligentsia* e pelo conceito mertoniano de comunidade científica (Lima, 2013), a dicotomia entre Rio de Janeiro e São Paulo conforme Miceli (2001) perderia sentido. Segundo Lima, as duas sociologias identificaram no intelectual o papel de ator na modernização ou desenvolvimento da sociedade (Lima, 2013).

Considerando esse contexto das ciências sociais no Brasil, verifica-se que o caso de Berta reforça as ponderações de Lima (2013) em relação à dicotomia entre Rio de Janeiro e São Paulo na história das ciências sociais. Berta se formou em História e Geografia pela Universidade do Distrito Federal (atual Uerj) no Rio de Janeiro em 1953 (Mattos, 2007; Viana, 2009). Apesar de ter vivido em São Paulo, onde conheceu seu colaborador, que a introduziu nos estudos indigenistas, Berta formou-se no Rio de Janeiro e exerceu a antropologia em atividades museológicas. Depois, assessorou Darcy Ribeiro em suas pesquisas no SPI, no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e, nos anos 1960, no primeiro escalão do governo Jango. Logo, sua atividade profissional dentro das ciências sociais mostra a circulação e intercâmbio de intelectuais nas cidades e nas diversas instituições fora das universidades.

Da mesma maneira, há exemplos de outros cientistas sociais de sua geração que apresentavam essa circulação, tais como Luiz Fernando Raposo Fontenelle, seu contemporâneo de graduação em História e Geografia na UDF e de estágio do Museu Nacional (Lima e Maio, 2009). O antropólogo exerceu sua profissão fora do espaço acadêmico e em diversas regiões do Brasil. Foi educador sanitário no Sesp, bem como pesquisou para o Serviço Social Rural do Ministério da Agricultura e integrou os ministérios da Saúde e da Educação¹¹. Assim como Berta e Darcy Ribeiro, o antropólogo circulou por diversas cidades e regiões interioranas do Brasil, pesquisando em instituições não universitárias.

Miceli (2001) informa sobre a parcela considerável de mulheres, sobretudo judias, nos cursos de ciências sociais entre 1933 e 1954 e reporta que muitas delas posteriormente se direcionaram para outras áreas, como psicologia e pedagogia, ou se dedicaram integralmente ao casamento. Berta, no mesmo período, graduou-se fora das ciências sociais no Rio de Janeiro, apesar de já ter feito trabalho de campo entre grupos indígenas e de ter vivido em São Paulo. Sua dedicação após a graduação não era somente ao casamento, mas à colaboração com Darcy Ribeiro, com quem realizou pesquisas e para quem deu suporte técnico visando à produção científica e à atuação política. O fato de sua graduação não ter sido na área não a impediu de produzir conhecimento científico com o rigor metodológico e teórico das ciências sociais, sobretudo após a separação, quando intensificou suas pesquisas. Da área de formação original, levou os conhecimentos que traçaram sua agenda de pesquisa, tais como a perspectiva da preservação ambiental como meio para garantir a vida e a sobrevivência dos grupos indígenas, seus modos de viver, pensamento e, conseqüentemente, sua cultura material. Ao longo de suas pesquisas, Berta acionou as interfaces entre estes conhecimentos, a exemplo das obras *Amazônia urgente* e *O índio na cultura brasileira*, nas quais pensa o Brasil a partir da história ambiental da Região Amazônica.

Sua vida intelectual, portanto, consolidava a circulação de ideias e de agendas de pesquisa, se não desmitificando, ao menos impondo controvérsias à dicotomia RJ-SP. Sua trajetória também problematiza a centralidade dada à universidade como locus de produção das ciências sociais no Brasil, uma vez que seu campo de trabalho se situava nos museus e na vida pública de seu colaborador. De modo semelhante, Luiz Fernando Fontenelle, também formado em História e Geografia na UDF (atual Uerj) em 1953 e estagiário no

¹¹ <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/luiz-fernando-raposo-fontenelle> . Acesso em 29 de set. de 2024.

Museu Nacional no mesmo ano, atuou no Sesp como cientista social, consolidando a educação sanitária em programas de saúde (Lima e Maio, 2009).

Essa parte da trajetória de Berta demonstra a circulação de intelectuais e de suas ideias no Brasil e nas instituições de pesquisa, dentro e fora das universidades. Se estavam em busca de seus objetos de investigação, da construção de agendas de pesquisa, isso os empurrava para outros lugares a fim de construir suas carreiras. Isso também explica o apreço de Berta pelas pesquisas nas áreas de história, geologia, geografia, biologia, entre outras, para a análise da cultura material indígena e o reconhecimento dos saberes desses povos sobre o manejo da terra e a preservação ambiental.

REDES CIENTÍFICAS NA CONSTRUÇÃO DE UM PERFIL INTELLECTUAL

De 1953 em diante, Berta Gleizer Ribeiro desenvolveu sua vida profissional na museologia e na antropologia no Museu Nacional, tendo como eixo a cultura material indígena. Posteriormente, seguiu na colaboração com Darcy Ribeiro, direcionada às vidas pública e intelectual deste, organizando e encaminhando as missivas entre o casal e seus pares, além da produção intelectual que tinham em comum. Diante da ditadura instaurada em 1964, Berta se inseriu em organizações da sociedade civil, tais como o Movimento Feminista pela Anistia, no final dos anos 1970, quando a redemocratização se encaminhava (Viana, 2009; Vogas, 2014).

Essas atividades vão até o final do exílio pela América Latina. Seu retorno ao Brasil se dera em 1974, já separada de Darcy. Desde então, sua vida profissional individual foi retomada e ampliada, uma vez que se dedicou também ao mercado editorial, na editora Paz e Terra, bem como pesquisou novas tecnologias da arte e cultura material indígena, tais como a palha e a cestaria — temas de sua tese de doutorado —, e ainda os padrões de grafismo, a cerâmica e, principalmente, os dilemas ambientais que se colocaram para as populações indígenas desde então. Entre eles estavam a mineração e a contaminação dos mananciais (Viana, 2009; Van Velthem *et al.*, 2023; Ribeiro 1987; Ribeiro, 1989).

As linhas a seguir abordam a interação de Berta em redes científicas da antropologia que pensavam o desenvolvimento e que contribuíram para a conformação de seu perfil intelectual. Entende-se que essa interlocução permite situá-la mais amplamente, em linhas de pensamento das ciências sociais, além daquelas pertinentes à museologia, à arte e à cultura material indígenas. Para Bruno Latour (2000), uma rede científica resulta das trocas

formais ou casuais entre atores que compartilham um mesmo objeto de estudo. Os significados dados pelos atores ao objeto criam associações que o autor chama de “sócio-lógicas” (Latour, 2000; Latour e Woolgar, 1997). Ainda que Berta participasse da rede científica da museologia dedicada à arte e à cultura material indígenas, isso não impedia o diálogo, mesmo implícito, com cientistas sociais envolvidos no debate sobre o desenvolvimento e sobre metodologia das ciências sociais.

Fugindo do escopo das afiliações partidárias ou de classes sociais, e ao mesmo tempo admitindo a possibilidade de identidade ideológica, Mannheim (2008) entendia os intelectuais, ou a *intelligentsia*, como aqueles capazes de encarar os problemas de seu tempo através de treinamento técnico, a partir de várias perspectivas. Mannheim (2008) arrolava a empatia como uma das características do intelectual moderno e destacava a origem social do intelectual — ou, ainda, sua história de vida — como elemento explicativo de seus padrões de ideação.

Mesmo tendo análise voltada para as mulheres negras, é importante registrar a contribuição de bell hooks (1995) nas reflexões sobre a vocação intelectual. Ao traçar diferença entre a mulher negra acadêmica e a mulher negra intelectual, destaca que esta última se caracteriza por transgredir fronteiras discursivas impostas pelo *status quo*, articulando-se a uma cultura política mais ampla e aprofundando o senso de comunidade.

Mesmo sob conjunturas e perspectivas históricas e sociais distintas, , tanto o pensador alemão (2008) quanto a estadunidense (1995) convergem quanto à postura intelectual como sendo a assunção de uma posição política e a abrangência da capacidade analítica, pautadas na interação empática com as pessoas ao seu redor e com os desafios coletivos da época. A partir desses pensadores, constata-se que o posicionamento social e político constitui parte fundamental para a inserção e a identidade de um intelectual. Isso abrange seu objeto de estudo, seu modo de ser e estar no mundo, na condição de um pensador de seu tempo. Explica suas interações e identificações com outros pensadores que compartilham das mesmas linhas de pensamento.

Partindo desse ponto, não será abordada a sua inserção na rede científica da museologia, já elucidada por Van Velthem *et al.* (2023) e por seus pares na publicação da Fundar (Viana, 2009). Através da análise das obras *O índio na cultura brasileira* (Ribeiro, 2000 [1987]) e *Amazônia Urgente* (Ribeiro, 2013 [1989]), serão vistos os pontos de diálogo da cientista com a rede de antropólogos da Guerra Fria proponentes de uma ciência insurgente, com os adeptos do neoevolucionismo e com os pensadores do desenvolvimento. Essas obras, elaboradas no período da redemocratização e

reordenamento político do Brasil, apresentam o esforço da cientista em manifestar um projeto de nação partindo da Região Amazônica e dos povos indígenas, enfatizando suas contribuições para a consolidação do país e de um modelo de desenvolvimento não predatório.

No Brasil e na América Latina, as ciências sociais não deixaram de pensar suas metodologias, projetos de ciência e de nação no seio das discussões sobre os sentidos de desenvolvimento e das formas de ação para a sua veiculação através de organizações nacionais ou internacionais (Viana, 2023; Lopes, 2018; Andrade, 2015). No que tange especificamente à antropologia, ao longo do século XX, seus praticantes vêm pensando a ética científica diante dos usos dessa ciência para fins estratégicos, articulando ciência pura e ciência aplicada (Lopes, 2019; Viana, 2023; Andrade, 2015). Assim, os intelectuais alinhados a tal perspectiva propuseram novas antropologias, politicamente mais comprometidas com as populações para as quais esses estudos se direcionavam. Como exemplos, podemos citar Sol Tax, Mitchel, André Gunder Frank e Darcy Ribeiro.

Diante de um contexto em que as ciências sociais eram acionadas para conter insurgências na América Latina e para deslegitimar as resistências de povos originários, tais antropólogos propuseram uma antropologia voltada para a autonomia dos povos e para a insurgência, conclamando seus cientistas a se alinharem politicamente às demandas de seus interlocutores (Viana, 2023). Por parte de Berta Gleizer, verifica-se a conexão com essa proposta, uma vez que ressalta, nas obras aqui referenciadas, a resistência dos povos indígenas perante os ataques e massacres impostos pelos invasores ao longo da história. Em seu argumento, soma-se a isto o conhecimento científico destes povos e as tecnologias adaptativas ao meio ambiente, evidências que demonstram a autonomia deles.

Desde os anos 1940, pelo menos, a antropologia passou por uma mudança teórico-metodológica no sentido de incluir seus interlocutores como participantes da pesquisa, a exemplo de Foote Whyte em *Sociedade de esquina* (2005 [1943]). No Brasil, tendência semelhante foi vista nos trabalhos de educadores sanitários que atuaram no Sesp, a exemplo de José Arthur Rios e Luiz Fontenelle, sensíveis ao diálogo entre médicos e população local, bem como à valorização da medicina popular (Lima e Maio, 2009). Nos anos 1960, são exemplares a rede científica formada em torno dos Leeds nas favelas, que incluía os moradores nas pesquisas de campo e nas análises (Viana, 2023), e a atuação de Rios na Secretaria de Serviços Sociais do Estado da Guanabara, que aproximou o poder público dos moradores de favelas incentivando a reorganização das suas associações (Viana,

2023; Valladares, 2005; Gonçalves, 2013). Isto também ocorreu nas pesquisas empreendidas por Berta Gleizer Ribeiro nos anos 1980, que não somente reconheceu a autoria de seus interlocutores em suas análises, como também realçou em suas obras a produção científica dos povos originários (Ribeiro, 2013 [1989]; Ribeiro, 2000 [1987]). Nessa mesma década, Berta publicou artigo em parceria com Luiz Lana, um de seus interlocutores entre os Desâna, sobre astronomia (Ribeiro e Kenhíri, 1987). Nos anos 1990, as discussões em torno da autoridade etnográfica tomaram corpo dentro da antropologia (Clifford, 2011).

Ao mesmo tempo em que as relações entre os antropólogos e seus interlocutores, além dos usos estratégicos da antropologia, estavam em discussão entre os pares nos períodos de guerra (Viana, 2023), algumas linhas teórico-metodológicas se refinavam. Como resposta ao particularismo histórico de Boas e ao evolucionismo, viu-se a constante reavaliação da antropologia neolucionista, que, ao longo do século XX, foi se especializando. Partindo dessa matriz metodológica, emergiram a ecologia cultural, o materialismo cultural, a ecologia comportamental humana, a antropologia ecológica¹², a nova antropologia ecológica e os sistemas socioecológicos (Prado e Murrieta, 2020). Nesse arcabouço, de enfoque materialista, situam-se antropólogos como Marvin Harris, Alfred Kroeber, Julian Steward, Andrey Vayda, Anthony Leeds e a arqueóloga Betty Meggers (Prado e Murrieta, 2020; Viana, 2014; Neves, 1999; Gil, 2010). Esta última cientista é referência notória nas pesquisas de Berta Gleizer.

No Brasil, é nítida a proximidade desta linha metodológica com os trabalhos de Darcy e Berta Gleizer Ribeiro, sendo alguns dos cientistas acima citados referências de ambos. São recorrentes nos trabalhos realizados, sobretudo por Berta Gleizer Ribeiro (Ribeiro, 2000 [1987]; Ribeiro, 2013 [1989]). ideias como adaptação, tecnologias adaptativas, aculturação, transfiguração étnica, aculturação e a adaptação ecológica na economia e na cultura material, além da identificação de áreas e traços culturais, com ênfase na cultura material, nas condições ambientais e nos recursos ecológicos e materiais disponíveis. Não por acaso, a obra *Suma Etnológica Brasileira*, editada por Darcy Ribeiro e coordenada por Berta Gleizer Ribeiro (1987), é uma versão brasileira da obra *Handbook of South American Indians*, de Julian Steward, publicado em 1948. Esta obra, referência notória da abordagem ecológica (Neves, 1999; Ribeiro, 2000 [1987]), influenciou a arqueologia brasileira através

¹² Também nomeada como antropologia ecossistêmica e ecologia antropológica (Prado e Murrieta, 2020).

do conceito de cultura da floresta tropical (Neves, 1999). Por sua vez, a arqueologia brasileira tem forte presença nas obras de Berta aqui analisadas.

Seguindo a ênfase materialista dessa proposta metodológica, Berta Gleizer Ribeiro dá centralidade ao acesso à terra para a preservação ambiental e dos povos indígenas. O acesso à terra opera como articulador dos modos de produção, da adaptação ecológica e da economia praticada pelos povos indígenas (Ribeiro, 2000 [1987]; Ribeiro, 2013 [1989]). Este ideal também é basilar para um projeto de desenvolvimento. Além disso, a construção discursiva sobre a formação do Brasil nas obras *Amazônia urgente* e *O Índio na cultura brasileira* se dá a partir da agência dos povos indígenas, de suas negociações e conflitos com os invasores europeus, de seus conhecimentos sobre a terra e os recursos naturais e o seu manejo (Ribeiro, 2000 [1987]; Ribeiro, 2013 [1989]). Assim, verifica-se uma visão de nação e de desenvolvimento centrada nos povos indígenas e na região Amazônica.

Nas ciências sociais, o debate sobre o desenvolvimento dava-se em diversas frentes. No Brasil, destacaram-se o pensamento cepalino e a teoria da dependência de viés marxista, levada a cabo por Ruy Mauro Marini, Teotônio dos Santos e Vânia Bambirra (Santos, 1994; Bambirra, 1994; Marini, 1993). Nestes autores, que enfatizaram os impactos da ditadura militar no projeto nacional até os anos 1990, assumem centralidade, na veiculação do desenvolvimento, os seguintes fatores: a industrialização, a urbanização, o papel das elites, das classes médias e dos trabalhadores, bem como os grandes projetos voltados para a produção tecnológica ou a exploração de recursos naturais. Logo, tais fatores pautariam a dependência dos países periféricos em relação aos países centrais (Santos, 1994; Bambirra, 1994; Marini, 1993).

No que tange ao caso latino-americano, destacou-se a elaboração de Stavenhagen (1965), que enfatizava os ciclos de desenvolvimento e subdesenvolvimento de uma área e a exploração dos países centrais em relação aos periféricos na explicação da situação desfavorável da região (Stavenhagen, 1965). Esse caráter cíclico do desenvolvimento e do subdesenvolvimento também se encontra entre os teóricos da dependência.

A proximidade de Berta Gleizer com esses pensadores é apontada nos estudos de Negherbon (2020), Butzke *et al.* (2019) e Butzke *et al.* (2020), cujas análises enfatizam o desenvolvimento regional e suas interfaces com as relações de gênero. Embora não tenha se proposto a interpretar o tema do desenvolvimento de modo explícito, Berta Gleizer pôde contribuir para o debate na medida em que pensou alternativas para o Brasil e para um projeto nacional a partir da Região Amazônica e dos povos indígenas. O histórico que

faz sobre a formação do Brasil começa da Região Amazônica e da exploração das populações e territórios originários. Destaca as ações do Estado desde a Era Pombalina e a criação de empresas como a Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão, além das missões e aldeamentos. O projeto colonial é tratado como empreendimento voltado para um determinado ideal de desenvolvimento. Ou ainda, como um projeto de nação não voltado para os habitantes da terra, mas para interesses vindos de fora. Em seu argumento, os grandes projetos nacionais vindos do período da ditadura militar destruíram as capacidades produtivas dos territórios amazônicos e das populações nativas e chamadas caboclas — seringueiros, ribeirinhos, entre outros. (Ribeiro, 2000 [1987]; Ribeiro, 2013 [1989]).

Tal como os cientistas sociais da teoria da dependência, Berta demarca os custos dessa relação de submissão e dependência dos países periféricos para o encaminhamento de um projeto verdadeiramente nacional. Em seu pensamento, este deve atender aos interesses dos povos que aqui habitam e considerar os saberes indígenas para a ciência, a tecnologia e a economia. Em seu argumento, tais saberes teriam como principal contribuição a produção extrativista de recursos naturais da floresta através de um manejo não predatório (Ribeiro, 2000 [1987]; Ribeiro, 2013 [1989]). Desse modo, o maior investimento para um projeto nacional seria justamente priorizar a vida e os conhecimentos dos povos originários, tendo em vista as suas contribuições para a economia e sobrevivência de populações inteiras ao longo dos séculos.

Dada a centralidade dos povos indígenas em sua vida profissional, pessoal e intelectual, verificam-se, a partir daí, pontos em que sua trajetória tangencia outras redes sociotécnicas. Nesse sentido, é perceptível a existência de similaridades com os antropólogos neoevolucionistas e com cientistas sociais que pensavam o desenvolvimento por um viés marxista. No entanto, seu diferencial e principal contribuição é adaptar o neoevolucionismo para pensar as contribuições dos povos indígenas e, a partir deles e da Região Amazônica, pensar um projeto de nação e de desenvolvimento para o país.

No que tange ao seu perfil intelectual, entende-se, a partir de Mannheim (2008) e hooks (1995), que sua prática e sua reflexão científicas não se restringiam à antropologia, pois são patentes em suas obras as contribuições da economia, da geografia, da geologia e da história ambiental. Da mesma maneira, sua atuação não se limitava à vida acadêmica, colocando-se firmemente como intelectual. Foi o que se verificou quando reconheceu a autoria das reflexões aos Desâna na edição da obra de Luiz e Firmiano Lana, a atuação em movimentos sociais, a valorização da produção científica indígena e o posicionamento

contrário aos grandes projetos realizados na Região Amazônia durante e após o período ditatorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como primeira consideração final, afirma-se o convívio interétnico como tema caro à antropologia praticada por Berta Gleizer, ainda que não esteja declarado nas duas obras aqui analisadas. A afirmação deriva de uma inferência: a intolerância ao convívio interétnico influenciou a saída de seu pai da Romênia e o suicídio de sua mãe, bem como impulsiona, ainda hoje, os massacres vivenciados por povos indígenas. Tanto no Brasil como no mundo em geral, a intolerância ao convívio interétnico ainda é recorrente motivação para massacres e guerras. Como exemplos atuais, há as contendas envolvendo Rússia, Ucrânia e Moldávia na terra natal de Berta e os infindáveis conflitos em terras indígenas envolvendo garimpo, mineração e tráficos de madeiras, de animais silvestres, entre outros, no Brasil.

Assim como o convívio interétnico, o pertencimento às coletividades se encontra na sua vida pessoal, profissional e intelectual. Em sua vida, assumiu as identidades judaica, comunista e, ao longo de sua convivência com os povos do Alto Rio Negro, passou a se identificar como Desâna, conforme relato de Maria Stella Amorim (Viana, 2009). Esses pertencimentos às coletividades envolviam grande carga de responsabilidade. Sua condição de judia e comunista, na sua infância e juventude, acarretava esconder quem era para que as famílias que a abrigavam não sofressem perseguições e para que não fosse deportada. O fato de ser antropóloga, e sentindo-se mais Desâna do que judia, envolvia a responsabilidade frente aos povos com quem interagia — dar o devido reconhecimento e valorização aos seus saberes e assumir posicionamento político a favor desses povos. Fica evidente que o posicionamento político em prol das coletividades com as quais convivia a acompanhava desde o início de sua trajetória. Este modo de ser e fazer ciência remete à convergência entre Mannheim (2008) e hooks (1995). Afinal, ser intelectual ou *intelligentsia* requer assumir uma atuação que extrapola as demandas corriqueiras ou protocolares da vida acadêmica; requer pensar o mundo no qual o cientista se insere.

Tal como os chamados ensaístas, pensadores da primeira geração de cientistas sociais, Berta também pensou a formação do Brasil, mas partindo da perspectiva dos povos indígenas e da Região Amazônica. É o que se verifica nas obras *Amazônia urgente* e *O índio na cultura brasileira*, feitas em pleno debate sobre a redemocratização do Brasil, a elaboração de uma nova Constituição Federal e a emergência das demandas ambientais que

impulsionaram a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento — Eco 92.

Nas obras analisadas, o desenvolvimento é pensado pelo eixo do meio ambiente e dos povos que sabem manejá-lo de forma não predatória. Nessa visão de projeto de nação e desenvolvimento, as contribuições dos povos originários para o país são analisadas à luz do materialismo cultural, ou ainda, da antropologia ecológica, derivadas do neoevolucionismo. Somada a esse escopo, com forte influência do materialismo histórico, estão nas reflexões de Berta Gleizer a ênfase na democratização do acesso à terra e na prioridade ao atendimento dos interesses internos, propostos pelos teóricos da dependência de viés marxista.

No que tange aos debates acerca da história das ciências sociais no Brasil, o caso de Berta demonstra a relevância das atividades de cientistas sociais fora das universidades e a circulação e intercâmbio entre intelectuais nos diversos espaços de produção científica. Também ressalta que a formação em outras áreas do conhecimento, correlatas às ciências sociais, como a história e a geografia, nas quais se formou, podem dar maior amplitude ao caráter heurístico das ciências sociais. Em relação ao comprometimento político do intelectual, o caso de Berta mostra que isso pouco tem a ver com a região do Brasil em que se deu sua formação. Mostra que esse posicionamento é uma escolha consciente e diferencial que reflete a visão de mundo de um intelectual nos termos de Mannheim (2008), ao elaborar o sentido de *Intelligentsia*, e de hooks (1995), ao associar a intelectualidade à posição política em prol de uma coletividade.

Berta formou-se no Rio de Janeiro, onde Miceli (2001) identifica um pendor para a agenda partidária e para as teorias desenvolvimentistas. A cientista tinha filiação partidária e perpassava pontos correlatos ao tema do desenvolvimento, tais como os grandes projetos na Região Amazônica. Nada disso comprometeu o rigor teórico e metodológico das ciências sociais impresso em suas pesquisas e produção acadêmica. Esse comprometimento político se explica muito mais pelas vivências e pela construção de identidades do intelectual, do que exatamente com a formação universitária. Novamente, cabem as observações de Mannheim (2008) e de bell hooks (1995) acerca da conformação de um perfil intelectual, no qual a empatia com os interlocutores, a origem social e a história de vida constituem elementos fundamentais para ampliar o escopo de sua atuação e pensamento para além dos espaços acadêmicos.

Também é preciso considerar que o tema do desenvolvimento e da mudança social impregnaram as ciências humanas de um modo geral. Assim, constituiu tema incontornável

na produção intelectual dessa geração que viveu sua juventude e formação entre as décadas de 1940 e 1960. Berta Gleizer Ribeiro pôde dar sua contribuição ao colocar o pensamento, a ciência e a cultura indígenas no centro das reflexões sobre a formação do Brasil e os rumos de um projeto de nação e de desenvolvimento condizente e minimamente respeitoso com os modos de vida e de produção dos povos tradicionais.

Uma vez que Berta parte da cultura material e arte indígenas para chegar aos impactos ambientais dos grandes projetos desenvolvimentistas que ameaçam a vida dos produtores dessa cultura material, estabelece elo entre ciência e nação em suas análises. A materialidade e o materialismo histórico são centrais nessa associação. Este último está presente no neoevolucionismo, nos seus desdobramentos teórico-metodológicos, e se apresenta entre os teóricos da dependência e os proponentes de uma antropologia insurgente ou libertadora. É nesse percurso — que vai da materialidade da vida cotidiana dos povos indígenas para chegar aos grandes projetos nacionais de desenvolvimento — que se articulam, nas análises da cientista, as redes científicas e intelectuais com as quais dialogava. Nessa articulação também se delinea boa parte do perfil intelectual de Berta Gleizer Ribeiro.

Cabe destacar o legado de Berta Gleizer e seus pares da antropologia da libertação: o compromisso político em colocar a ciência e a antropologia a serviço do planeta, da humanidade e dos povos que prezam pelo bem viver. Dito isso, espera-se que a sua obra e pensamento sejam, daqui por diante, mais acionados nas outras ciências com as quais dialogou, bem como no escopo do Pensamento Social Brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTÃO, A. C. da C. B. (2017). *Gênero, imigração e política: o caso da judia comunista Genny Gleizer no Governo Vargas (1932-1935)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz. Orientador: Marcos Chor Maio.
- ANDRADE, R. de P. (2015). Contribuições para um debate: a antropologia do desenvolvimento e a valorização amazônica da Amazônia (1951-1955). *Cadernos do Desenvolvimento*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 16, p. 53-72, jan-jun.
- BOTELHO, E. U. (2005). *Berta Gleizer Ribeiro (1924 - 1997): afinidade e autonomia*. 199 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade de Brasília, Brasília.
- BAMBIRRA, V. (1994). As vicissitudes do estado. *Carta: falas, reflexões, memórias*. n.11.

- BRITO, C. A. G. de. (2017). Antropologia de um jovem disciplinado: a trajetória de Darcy Ribeiro no Serviço de Proteção aos Índios (1947-1956). Tese (Doutorado em História das Ciências). Rio de Janeiro, PPGHCS, Fiocruz. Orientadora: Nísia Trindade Lima.
- BRITO, C. A. G. de. (2021). Integração não significa assimilação. O estudo de Darcy Ribeiro para a UNESCO na década de 1950. *Acervo*, Rio de Janeiro, v 34, n2, p.1-20, maio/ago.
- BRITO, C. A. G.; LOPES, T. (2022). Saúde, desenvolvimento e interpretações do Brasil: uma análise da perspectiva sociológica de Carlos Alberto de Medina. *Lua Nova*, São Paulo, 115: 43-80.
- BUTZKE, L.; THEIS, I. M.; NEGHERBON, C. L. BRITO, V. (2020). Quem são as mulheres que pensam o desenvolvimento regional no Brasil? Elementos para a formulação de uma agenda de pesquisa. *Colóquio – Revista do Desenvolvimento Regional – Faccat – Taquara/RS – V. 17. N.2, abr-jun.*
- BUTZKE, L.; THEIS, I. M.; NEGHERBON, C. L.; BRITO, V. (2020). Desenvolvimento regional e Gênero. Mapeamento da formação docente e da produção intelectual nos PPGs em Planejamento Urbano e Regional da Região Sul do Brasil. *Desenvolvimento Em Questão*. Ano 18, n50, jan-mar.
- COCICOV, J. (2015). *Imigrantes Bessarabianos, Búlgaros e Gagaúzos – 1926/2015*. Editora do autor.
- CORREA, M. (2003). *Antropólogas e antropologias*. Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- CLIFFORD, J. (2011). *A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX*. Organização e revisão de José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro, editora UFRJ, 4ª edição.
- DEMARCHI, A. (2020). Homenagem: Berta Ribeiro, antropóloga do futuro. IN: Cleto, M. de S. (org) *Escritas sociais: democracia, diversidades e gênero*. Palmas: EDUFT.
- HOOKS, bell. (1995). Intelectuais negras. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>
- FUX, S.; FUX, J. (2023). *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia*. Belo Horizonte, Editora Perspectiva.
- FERREIRA, C. E. (2012). *A adesão da Rússia à Organização Mundial do Comércio sob o prisma da política doméstica russa e das relações bilaterais russo-norte-americanas (1993-2008)*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Brasília, Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília.
- FOOTE WHYTE, W. (2005 [1943]). *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- GONÇALVES, R. S. (2013). *Favelas do Rio de Janeiro. História e direito*. Rio de Janeiro, Pallas, Editora PUC-RJ.
- GIL, G. J. (2010). Neovolucionismo y ecología cultural. La obra de Julian Steward y la renovación de la enseñanza de la antropología em la Argentina. *Revista del Museo de Antropología* 3: 225-238.
- LATOUR, B. ; WOOLGAR, S. (1997). *Vida de laboratório. A produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

- LATOUR, B. (2000). *Ciência em ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo, Editora UNESP.
- LIMA, N. V. T. (2013). *Um sertão chamado Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Hucitec.
- LOPES, T. da C. (2018). *Comunitarismo, sociologia rural e diplomacia cultural nas relações Brasil – EUA: ciência e reforma social em T. Lynn Smith e José Arthur Rios (1930-1950)*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Orientador: Marcos Chor Maio. Rio de Janeiro.
- MAIO, M. C.; LIMA, N. T. (2009). Tradutores, intérpretes ou promotores de mudança? Cientistas sociais, educação sanitária rural e resistências culturais. *Sociedade e Estado*. Brasília, v24, n2, p529-561, maio/agosto.
- MANNHEIM, K. (2008). *Sociologia da Cultura*. SP: Perspectiva/EDUSP.
- MARINI, R. M. (1993). O desafio da economia mundial. *Carta: falas, reflexões, memórias*. n. 8.
- MERCADANTE, P. (1994). *Graciliano Ramos: o manifesto do trágico*. Rio de Janeiro, Topbooks.
- MICELI, S. (org). (2001). *História das ciências sociais no Brasil*. vol 1. São Paulo, Editora Sumaré.
- MATTOS, A. L. L. B. *Darcy Ribeiro: uma trajetória (1944-1982)*. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2007.
- MOURA, A. B. de. (2015). A 'naturalização de massa' na Romênia e a 'venda' da nacionalidade de Estados-membros da União Européia: reflexões sobre o uso político e econômico do instituto jurídico da nacionalidade. *Sequência (Florianópolis)*, n. 71, dez. 2015
- NEVES, E. G. (1999). Arqueologia, história indígena e o registro etnográfico: exemplos do Alto Rio Negro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 3: 319-330,
- NEGHERBON, C. L. (2020). *Contribuições de Ana Clara Torres Ribeiro, Berta Ribeiro e Vânia Bambirra para pensar o Brasil e o Desenvolvimento Regional*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Blumenau, FURB. Orientador: Ivo Marcos Theis.
- PÃRÕKUMU, U. (Firmiano Arantes Lana); KĚHÍRI, T. (Luiz Gomes Lana). (1995). *Antes o mundo não existia. Mitologia dos antigos Desana-Kêhíripõrã*. 2 edição. São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN.
- PAUL, B. D. (1955). *Health, culture and community*. New York, Russel Sage Foundation.
- PRADO, H. M. e MURRIETA, R. S. S. (2020). As bases teóricas da ecologia humana em sua dimensão bioantropológica: escolas clássicas, evolucionismo e teoria dos sistemas. *Tessituras – Revista de Antropologia e Arqueologia*, UFPEL-Pelotas, v.8, n2, jul-dez.
- RIBEIRO, B. G. (2000 [1987]). *O índio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Revan, 3 edição.
- RIBEIRO, B. G. (2013). *Amazônia Urgente*. Rio de Janeiro, Fundação Darcy Ribeiro.
- RIBEIRO, B. G. e KENHIRÍ, T. (Lana, L. G). (1987). Chuvas e constelações. Calendário econômico Desana. *Ciência Hoje* 6(36).

- SANTOS, T. (1994). O modelo econômico da ditadura militar. *Carta: falas, reflexões, memórias*. N.11.
- SEGATTO, J.; BARIANI, E. (2010). As ciências sociais no Brasil: trajetória, história e institucionalização. *Revista Em Pauta*, Rio de Janeiro, vol. 7, n 25, julho.
- STAVENHAGEN, R. (1967 [1965]). Sete teses equivocadas sobre a América Latina. In: Durand, J. C. G. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- VALLADARES, L. do P. (2005). A invenção da favela: do mito de origem ao favela.com. Rio de Janeiro, Editora FGV.
- VAN VELTHEM, L; FRANÇA, B. L. F. de C.; FREIRE, J. R. B. (2023). Berta Gleizer Ribeiro e as artes das vidas amazônicas. *Journal de la Société des Américanistes*. 109-1.
- VOGAS, E. C. M. (2014). Berta Gleizer Ribeiro: da militância ao afeto, o percurso de uma antropóloga. *Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*. Vol.2, N. 1, jan a jun/2014.
- VIANA, R. de A. (2009). *Fazimentos*, n9, Fundação Darcy Ribeiro.
- VIANA, Rachel de A. (2014). *Antropologia, desenvolvimento e favelas: a atuação de Anthony Leeds na década de 1960*. 210 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências), Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz. Orientadora: Nísia Trindade Lima. Rio de Janeiro, RJ.
- VIANA, R. de A. (2023). *O encontro da antropologia com a favela. Anthony e Elizabeth Leeds no Jacarezinho*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz.
- WAGLEY, C.; AZEVEDO, T.; PINTO, L. de A. C. (1950). *Uma pesquisa sobre a vida social no estado da Bahia*. Museu do Estado da Bahia, Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia.

Fontes digitais:

Acessos em 12 de agosto de 2024:

- <https://www.gbnnews.com.br/2024/04/tensoes-entre-russia-e-romenia-escalam.html>
- <https://passapalavra.info/2009/04/2838/>
- https://www.rtp.pt/noticias/rtpEuropa-entrevistas/maia-sandu-presidente-da-moldova-decidi-tornar-me-uma-figura-politica-quando-vi-tanta-corrupcao-na-politica-da-moldova_v1521870#google_vignette
- <https://www.dw.com/pt-br/o-que-a-r%C3%BAssia-quer-com-a-mold%C3%A1via/a-64822663>
- <https://observador.pt/especiais/a-russia-vai-levar-a-guerra-ate-a-moldavia-militarmente-e-dificil-mas-nos-bastidores-vale-tudo/>
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Belz_\(Ucr%C3%A2nia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Belz_(Ucr%C3%A2nia))
- <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bessar%C3%A1bia>

Acessos em 13 de agosto de 2024:

- https://memoria.bn.gov.br/pdf/093718/per093718_1940_05421.pdf
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Bessar%C3%A1bia#/media/Ficheiro:Karte_Bessarabien_02.png

<https://jus.com.br/artigos/10474/direito-e-historia-genny-gleiser-o-anti-semitismo-na-era-vargas-e-o-habeas-corporis-n-25906-1935>

Acesso em 29 de setembro de 2024:

<https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/luiz-fernando-ra-poso-fontenelle>

Rachel de A. Viana

Doutora em História das Ciências, pesquisadora de pós-doutorado na Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz.